

Texto coletivo

(Elaborado no projeto que a turma do 3º e 4º ano está a desenvolver no âmbito da literacia da leitura com a professora titular, antes da leitura da obra.)

A viagem da sementinha

Num dos sacos que a dona Ana tinha na sua loja, estava uma semente pequenina, acastanhada e com uma forma um pouco estranha.

A dona Ana era jardineira e por isso gostava muito de ter o seu jardim bem tratado, com flores variadas e com as mais bonitas que havia ali nas redondezas.

Naquele dia, a dona Ana decidiu abrir os sacos onde guardava as sementes. Reparou que num saco estava uma semente invulgar. Resolveu ir semeá-la num cantinho do seu jardim para ver que espécie de planta nasceria daquela semente. Estava muito curiosa.

Pegou na semente e com algum cuidado colocou-a dentro de um buraquinho que já tinha feito um pouco antes. Seria ali, porque a terra estava muito fofa e com todos os ingredientes que a sementinha necessitava para crescer forte e bonita. Tapou-a com terra e regou-a. A dona Ana continuou a cuidar do resto do jardim, mas sempre a pensar no que aquela semente iria dar.

A semente que até àquela altura tinha estado perto de outras sementes, sentia-se agora sozinha e numa escuridão que a deixava muito triste.

A certa altura, a semente começou a ver um bocadinho de luz e se estava contente por ter alguma claridade, também ficou assutada porque não sabia o que estava a acontecer. Pensou em dizer “olá”, mas e se fosse alguma coisa que lhe fizesse mal? Se calhar era melhor estar calada!

Esperou um pouco, mas depois ganhou coragem e disse:

- Olá! Quem está aí?

Ouviu duas vozes distintas:

- Quem é que falou?

- Ai que susto! – disse a outra voz.

- Sou eu, uma semente que foi colocada aqui há pouco tempo e sabem... estou com um bocadito de medo!... – disse a sementinha ainda assustada.

Uma das vozes respondeu:

-Ai és uma semente! Eu não sabia quem era e por isso é que perguntei quem é que tinha falado. Eu também sou uma semente como tu.

Logo mais alguém se meteu na conversa:

- Eu é que apanhei um susto! Vinha mesmo a descer para me enterrar e me refrescar debaixo da terra quando tu falaste! Eu sou uma minhoca.

A minhoca aproximou-se da sementinha que ficou assustada pois nunca tinha visto nada igual! A minhoca logo a tranquilizou dizendo-lhe que podia contar com ela para o que precisasse.

A semente também gostava de ver a sua outra amiga semente, mas sabia que nenhuma tinha forma para sair daquele lugar onde as tinham colocado.

A minhoca teve uma ideia e pôs mãos à obra. A solução para que as duas se pudessem ver e falar era abrir um túnel entre elas. E assim fez. Passado pouco tempo o trabalho estava feito e as duas sementinhas conseguiram ver-se e falar sem ser aos berros. Estavam todos felizes.

As duas sementes passavam os dias a conversar com a minhoca que não só lhes abria buraquinhos para elas terem alguma luz, como também lhes contava o que se passava lá por cima.

Passaram-se alguns dias e as sementes começaram a sentir que estavam a ficar diferentes e maiores. Pediram à minhoca que lhes explicasse o que se estava a passar. A minhoca contou-lhes que estavam a iniciar a sua viagem.

- Que viagem?- perguntaram as duas ao mesmo tempo.

- Vocês agora vão fazer uma viagem até um outro mundo, diferente daquele onde estiveram até agora; quando chegarem a esse outro mundo vão ver coisas maravilhosas e ter luz durante muito tempo.

- Que bom! Espero crescer depressa. Quero conhecer esse lugar! – exclamou a sementinha toda entusiasmada.

A viagem demorou ainda algum tempo, o tempo necessário para elas se prepararem para o mundo que as esperava.

Ao longo de toda a viagem no interior da terra, a minhoca foi acompanhando as duas sementinhas. Elas iam crescendo e transformando-se em algo tão diferente daquilo que elas eram quando chegaram à terra.

Chegou o dia em que os olhinhos das sementes puderam ver aquilo que apenas conheciam através das palavras da minhoca. Como era tudo tão bonito! As sementinhas estavam maravilhadas a admirar tudo aquilo. A minhoca estava perto delas e ia-lhes respondendo às muitas perguntas que elas iam fazendo.

Passaram-se alguns dias e aquela semente especial da dona Ana fez novos amigos. A semente ia-se apercebendo que era diferente das que via à sua volta e um determinado dia viu aproximar-se dela a dona Ana com uma coisa na mão diferente daquela que ela costumava trazer para a regar. “Para que serviria aquilo?”, pensou a sementinha. A dona Ana trazia uma pá que enterrou na terra junto dela, agora já uma planta, e puxou-a para cima. A plantinha começou a tremer não só por causa da dona Ana lhe estar a mexer, mas também por estar cheia de medo.

A senhora levou-a e foi plantá-la num vaso que estava na varanda da sua casa. A plantinha ouvia a dona Ana dizer que ela era linda e que nunca tinha visto uma flor assim. A flor, que nasceu daquela semente acastanhada, era de um branco tão puro e singelo que atraía o olhar de todos; em seu redor tinha como que uma coroa dourada. Assim a dona Ana resolveu dar-lhe o nome de Coroa de Ouro.

A semente, ou melhor, a flor deixou de estar perto da sua companheira de viagem, mas a minhoca ia trazendo e levando notícias e assim elas iam sabendo o que se passava uma com a outra.

Passaram-se muitos dias e a flor foi envelhecendo. A dona Ana foi tratando dela para que pudesse obter sementes dessa planta tão especial. A Coroa de Ouro murchou por completo. Agora novas viagens ela iria fazer através das suas filhinhas que eram as

sementes que dela nasceram e essas iriam também fazer novas amigas, quem sabe algumas filhas da sua primeira companheira de viagem.

A dona Ana estava satisfeita, pois a sua flor preferida tinha deixado as sementes que ela tanto desejou.

No ano seguinte, a dona Ana tinha um canteiro especial para aquelas sementes e acreditamos que cada uma delas tinha a beleza, a simpatia e o conhecimento da Coroa de Ouro.

Alunos 3º e 4º, E.B.1 de Queirã